



Palavras Encantadas

Entre Lendas e Águas, Encantos
do Velho Chico

Cynara Adriana Sento- Sé Magalhães
Cordeiro Celestino Alves

Sidnay Fernandes dos Santos

FICHA CATALOGRÁFICA

ALVES, Cynara Adriana Sento-Sé Magalhães Cordeiro Celestino.

Palavras Encantadas: Entre Lendas e Águas, Encantos do Velho Chico / Cynara Adriana Sento-Sé Magalhães Cordeiro Celestino Alves; orientadora Sidney Fernandes dos Santos. – Caetité, BA: UNEB, 2026.

40 p. : il. color.

E-book literário-pedagógico – Produto Educacional vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), Departamento de Ciências Humanas – DCH VI, Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus VI, Caetité, 2026.

1. Rio Sao Francisco - Aspectos literarios e culturais. 2. Literatura ribeirinha - Bahia. 3. Lendas e folclore - Velho Chico. 4. Ensino interdisciplinar - Recursos didaticos. 5. Identidade regional - Cultura popular. I. Santos, Sidney Fernandes dos (Orient.). II. Universidade do Estado da Bahia. Programa de Pos-Graduacao em Ensino, Linguagem e Sociedade. III. Titulo.

CDU: 821.134.3(813.8)

Ficha catalográfica elaborada conforme as normas da ABNT NBR 6022:2018 e ABNT NBR 10520:2023.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH-VI
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO,
LINGUAGEM E SOCIEDADE - PPGELS

Palavras Encantadas

Entre Lendas e Águas, Encantos do Velho Chico

Cynara Adriana Sento - Sé Magalhães Cordeiro Celestino Alves
Sidney Fernandes dos Santos



FICHA TÉCNICA

Palavras Encantadas é um ebook literário-pedagógico que navega pelas águas do Rio São Francisco por meio de poemas, lendas, cantigas tradicionais e reflexões poético-filosóficas. Organizado em curvas que simulam o curso do rio, o produto integra a memória oral ribeirinha, a consciência ambiental e a proposta de um caderno de encantos – convidando o leitor a escrever sua própria lenda das águas. Destina-se a professores, estudantes e guardiões da cultura do Velho Chico, servindo como ferramenta de valorização identitária e de ensino interdisciplinar.

Esse material é um produto educacional resultante da pesquisa de Mestrado Profissional em Ensino, Linguagem e Sociedade – PPGELS/UNEB, Linha de pesquisa 1.

Título: Palavras Encantadas: Entre Lendas e Águas, Encantos do Velho Chico

Categoria: Ebook literário-pedagógico

Produto técnico-educacional. Arte, Cultura e Ensino.

Finalidade: Oferecer uma experiência de leitura imersiva e sensível sobre o Rio São Francisco, integrando poesia, lendas, cantos tradicionais e reflexões ambientais, com o objetivo de valorizar a cultura ribeirinha, fortalecer a identidade regional e servir como recurso didático para professores e pesquisadores das áreas de Letras, Educação e Ensino.

Organização do produto: O ebook está estruturado em quatro grandes seções nomeadas por metáforas fluviais: Primeira Curva (O Canto do Rio), Segunda Curva (Poemas do Velho Chico), Terceira Curva (Lendas e Encantamentos) e A Foz (O Canto que Continua). Inclui ainda prefácio, posfácio, cantigas tradicionais, glossário encantado, sugestão de uso pedagógico.

Produção e organização: Cynara Adriana Sento-Sé Magalhães Cordeiro Celestino Alves

Orientação: Prof.^ª Dr.^ª Sidnay Fernandes dos Santos (PPGELS/UNEB – Campus VI/Caetité)

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial a terceiros.

Divulgação: Meio digital (repositório institucional do PPGELS, site da UNEB, bibliotecas digitais).

Apoio financeiro: Custeado pela autora.

Disponível: Site do PPGELS.

Registro do produto: Biblioteca da UNEB – Campus VI (Caetité/BA)

Projeto gráfico e diagramação: Bombord Studio

Área do conhecimento: Ensino, Linguagem e Sociedade; Literatura; Cultura popular; Educação patrimonial

Público-alvo: Professores de Língua Portuguesa, Literatura e Artes; pesquisadores da cultura ribeirinha; estudantes do Ensino Médio e EJA; comunidades quilombolas e ribeirinhas; público geral interessado no São Francisco.

Idioma: Português (Brasil)

Cidade/Estado: Caetité – Bahia

País: Brasil

Ano: 2026

Há Encontros Que Só O Rio Sabe
Fazer: **Synara Adriana Leles**,
O Rio nos Fez encontrar, e o que
nasceu desse encontro não tem
mais volta, assim como toda
correnteza que segue ao mar.
uma amizade corrente, viva,
que não para, que carrega afeto
nas suas águas e segue para
o resto da vida.



Para seu Honorato Ribeiro,
onde o sonho floresceu
e a cada passo,
o rio nos envolveu.

VAPOR ENCANTADO

Autores: Silvío Araújo,
Lamartine Araújo e
Reginaldo Belo

Que "vapor" é aquele
Que aponta lá no pontal
Benjamim, São Francisco
Ou quem sabe, talvez Wenceslau.
Ele aponta no
Tá chegando e já passa da hora
Do bicho apitar.
Que "vapor" é esse, morena?
Que não quer chegar
Será o encantado, morena?
Deixa chegar.
Lumiou e é vem num rompante
De admiração
Tem fumaça lá na chaminé
Mas não tem gente não.
E passando pela Pedra Preta
Mais nada se viu Misturado com o escuro da noite
O bicho sumiu.
Que "vapor" é esse, morena?
Que não quis chegar
Era o encantado, morena?
Deixa pra lá.
O "vapor" de Cachoeira
Não navega mais no mar
Mas navega em Sobradinho
Pois o mar agora é lá.

SUMÁRIO

10

Cantigas Tradicionais –
ABC do São Francisco (Anônimo)

10

Prefácio – Délia Sento-Sé

12

PRIMEIRA CURVA DO RIO : O CANTO DO RIO

O Canto Inicial e o Encanto - 13

O Encanto do Rio e o Cantar da Existência - 13

O encanto do Rio: Existe e Persiste? - 14

15

SEGUNDA CURVA DO RIO: POEMAS DO VELHO CHICO

O Rio São Francisco e a Canção do Meu Lugar - 16

O Rio Que Flui, A Alma Que Canta - 16

O Rio Poesia, Canto e encanto - 18

O Rio e Eu - 19

Canto do Rio Pelo Ribeirinho 20

A Canção do Caboclo, do Rio e do Peixe - 21

22

TERCEIRA CURVA DO RIO : LENDAS E ENCANTAMENTOS

Vapor da Luz - 23

O Vapor Encantado - 24

O Senhor das Águas Barrentas - 24

O Nego D'Água do São Francisco - 25

O Senhor das Águas - 26

O Cantador da Ilha - 27

O Surubim Encantado - 27

A Mãe-d'água da Canabrava - 28

29

A FOZ: O CANTO QUE CONTINUA

Curva da nascente: A nascente e o verbo - 30

Curva do cordel: O cordel da
existência ribeirinha - 30

Curva do fluxo: A analogia do fluxo -
o ir e vir - 31

Curva da Foz: O deságue no
encanto final - 31

Posfácio - 32

Cantigas Tradicionais

ABC do São Francisco (Anônimo)

Juazeiro das lordeza	Se não fosse o Bom Jesus
Santana dos missais	Carinhonha é Bonitinha
Casa Nova da carestia	Malhada também é
Sento - Sé da nobreza	Passa Manga e o Morrinho
Remanso da valentia	Pago imposto em jacaré
Pilão Arcado da independência	Januária carreira grande
Xiquexique do bundão	Corrente meio carreira
Icatu só da cachaça	Paga o pato em Santa Rita
Barra só dá barão	Para fazer mole em Barreiras
Morpará casa de palha	São José da arrelia
Bom jardim da rica flor	São Romão das feiticeiras
Urubu da santa cruz	Pirapora só tem fama
Triste do povo da Lapa	No inverno só tem lama
	No verão só tem poeira

Prefácio

Há livros que não se leem apenas com os olhos, mas também, com o coração.

Cynara fez uma travessia sensível, entre Memória Compartilhada, Amor, Renascimento e Poesia ao discorrer poeticamente sobre o Rio São Francisco.

Também não poderia ser diferente. Ela é uma filha legítima do Velho Chico. Pertence a essa corrente.

Sua Infância e Juventude foi vivenciada entre Lendas e Contos nas ilhas da sua cidade natal, Bom Jesus da Lapa. Ilha do Medo, da Mariquinha, da Cana Brava, onde os pescadores no gingado suave das suas canoas, encantavam a todos que o contemplavam fascinados em ouvir suas histórias cheias de segredos e mistérios.

Muitos afirmaram a Ela já terem visto o Nego-D'água. Outros se apaixonaram pela beleza da Mãe-D'água.

E assim a imaginação do povo ribeirinho lhe contava suas histórias, enquanto as águas murmuravam segredos ancestrais.

Quando a noite vestia o manto das estrelas, Cynara retornava para casa encantada com tudo que ouviu.

Como Amante desse Rio da Integração Nacional, leitora assídua dos seus Contos, Encantos, Lendas e CANTOS Fascinantes, pensava que conhecia tudo sobre Ele. Ledo engano.

As histórias que ela narrou, inspiradas em palavras sábias, nos convida a alargar nossos conhecimentos sobre este Rio que se inicia na Serra da Canastra em Minas Gerais, atravessa várias cidades da Bahia, e mais três Estados: Sergipe, Pernambuco encerrando seu curso em Alagoas, onde desagua no mar.

É magnífico esse Encontro das Águas. A nossa família esteve nesse local e ficamos seduzidos com a magnitude dessas Águas Sagradas.

E a vida é assim, as vezes nos surpreende com viagens como esta, ou com um convite inesperado, tipo o que vou citar agora, o qual considero o maior presente que recebi nos meus 77 anos.

Ao amanhecer do dia 02 de Novembro que sempre foi uma data especial para mim por ser meu aniversário, minha filha Cynara, me convida para Prefaciar o seu Ebook.

Fiquei muito emocionada e mais ainda ao ver a maneira sensível como Ela observa o curso desse Rio enigmático e poético, nosso majestoso Rio São Francisco, o qual nunca cessa de Encantar.

Délia Sento-Sé M. Cordeiro

Sua Mamis, como você gosta de me chamar.

Bom Jesus da Lapa, 02 de Novembro 2025



01

PRIMEIRA CURVA

O Canto do Rio

1.1 O Canto Inicial e o Encanto

O canto original do São Francisco é a natureza exuberante e a vida que ele sustenta. Em suas águas caudalosas serpenteando por diferentes biomas, das montanhas de Minas Gerais até o Oceano Atlântico, esse encanto se manifesta na biodiversidade que ele abriga, nas comunidades ribeirinhas que dele dependem para pescar, irrigar e se transportar. É o som das cachoeiras, o murmúrio das águas calmas, o barulho da chuva que o alimenta e a alegria das festas populares nas suas margens, como as de Bom Jesus da Lapa, feitas de pedra, luz e fé, celebrando sua existência. É o encanto primário: a dádiva da vida, da fertilidade, da fé e da conexão.

1.2 O Encanto do Rio e o Cantar da Existência

O Lá no coração da Bahia, Em Bom Jesus da Lapa, a gente vê um rio que canta poesia, suas águas, espelho do céu, refletem o sol, a lua e o véu de nuvens que passam tão leves, contando histórias em leitos, berços e afetos. É o rio que nos abraçam com seu murmúrio tão presente, suas ondas que canta a vida e traz a paz. Pescador de rede jogada no silêncio da madrugada, sente a força da correnteza, vida brotando; Barqueiro que segue seu rumo conhece cada perfume do sumo das matas, das margens, do chão, a melodia do seu coração. Nesse ir e vir das canoas, pacote e vapor, nossas almas ficam tão boas, aquecendo nossas almas, nosso coração! É o rio que leva e que traz mil canções de amor e de paz. Das grutas, um eco distante de uma fé que é constante, o rio torna-se um caminho sagrado, presente, abençoado, e, assim, nesse encanto sem fim, a existência canta em mim e para mim: Sou parte da água, da terra, do ar, do abraço do rio, onde a gente encontra o lar.

Sigamos encantados.

1.3 O encanto do Rio: Existe e Persiste?

O encanto do rio não só existe, como persiste e se transforma, quando falamos do São Francisco, uma riqueza de significados que vão além da mera beleza linguística.

O desencanto e a Ressignificação

No entanto, o São Francisco também conhece o desencanto. A ação humana, a seca prolongada e as intervenções no seu curso, como a transposição, levam a uma diminuição do volume de água, à degradação de suas margens e à perda de algumas espécies. Isso gera um canto de tristeza, de preocupação, de um rio que adocece. O desencanto é a percepção da fragilidade, da finitude e das consequências de um uso não sustentável. É a dor de ver um gigante diminuir, uma melodia que se silencia.

O Novo Canto, o recanto

Mas o encanto não se perde; ele se ressignifica. O novo canto do São Francisco emerge da consciência coletiva sobre sua importância vital. É o canto da preservação, da luta ambiental e da busca por soluções sustentáveis. É a voz das comunidades que se mobilizam para proteger o rio, dos pesquisadores que buscam entender seus desafios e das políticas públicas que visam sua revitalização. Esse canto é um apelo à responsabilidade, à valorização cultural e ao reconhecimento da sua existência transcendente – como você bem mencionou na poesia. Portanto, o encanto do Rio São Francisco é complexo. É a beleza inata, a tristeza da degradação e a esperança de um futuro mais sustentável. É uma melodia que, apesar das dissonâncias, continua a inspirar e a unir pessoas em torno da sua preservação.

Vamos ao canto e ao encantado.

02

SEGUNDA CURVA

Poemas do Velho Chico

2.1 O Rio São Francisco e a Canção do Meu Lugar

Nasce um rio, grande e forte, lá nas serras, bem no norte, é o São Francisco, amigo, com seu brilho e seu abrigo. De Minas ele vem, ligeiro, fazendo um caminho inteiro. Passa por mil chapadões, canta em nossos corações. Sou caboclo, rio-menino, meu futuro, meu destino. Nossas águas vão se dar, pra um só sonho encontrar. O rio corre, um espelho, mostra o céu, mostra um conselho: Que em cada peixe, em cada flor, tem um pedaço do nosso amor. Pescador de rede fina, vê a vida que se inclina. No balanço das canoas, nossas almas ficam boas. Das cascatas, um sussurro, de segredos, um murmúrio.

Conta histórias de outro tempo, de um povo que venceu o vento. Nossa gente, forte e boa, na vazante, na lagoa. Com o rio, vai sonhando, sua história inventando. No seu abraço, um só sentir, O que somos, o que há de vir.

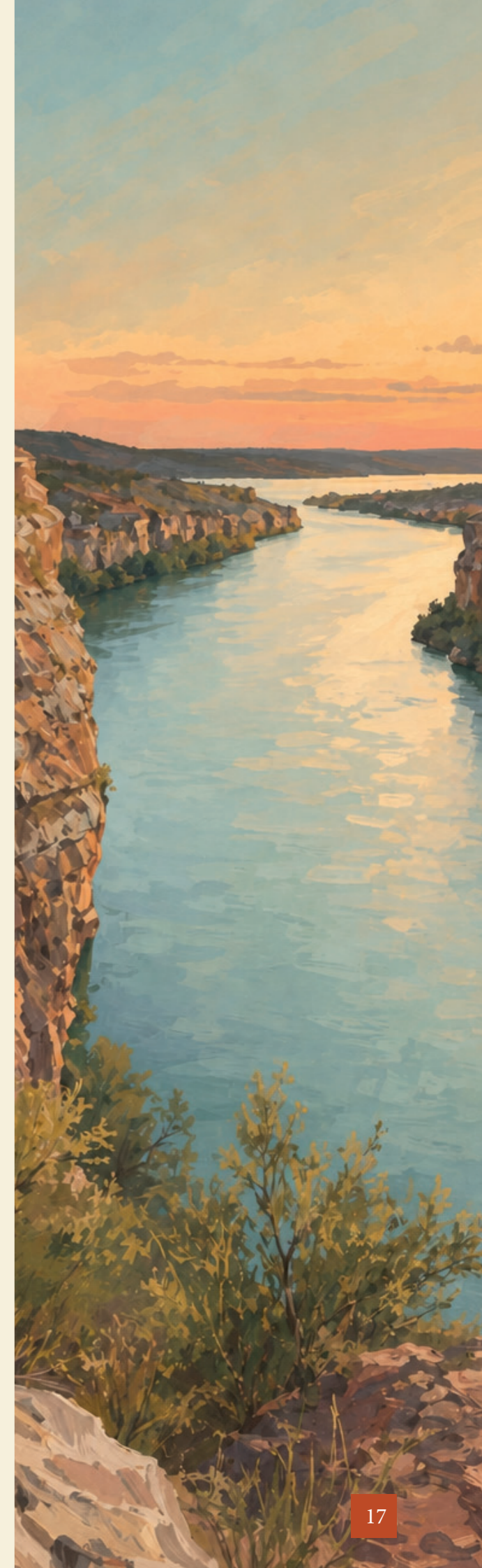
Rio-caminho, rio - lar, Pra sempre vamos te amar.

2.2 O Rio Que Flui, A Alma Que Canta

Sábio antigo, já dizia,
Que tudo flui, em constante vazio
No Rio São Francisco, essa verdade
Se mostra em cada onda, em cada idade.
Um dia, o rio canta com alegria,
Em suas margens, a vida irradia.
Peixes saltam, aves no céu...
É um encanto que rompe o véu.
Águas claras, de um verde-anil,
Alimentam a alma do Brasil.
É o canto da fartura, da semente,
Do povo ribeirinho, tão presente.
Mas há o desencanto, a dor da seca,
Da fome e das algures da vida
Quando a água se esconde, fica pequena.
O leito rachado, a areia a mostrar,

A ferida da terra, o tempo a chorar.
Osório Alves, em seu romance Porto Calendário,
descreve

A seca que assola, a fé que se move.
A luta do homem contra a adversidade,
A vida que insiste, em sua tenacidade.
É o lamento do rio, a canção da saudade,
Do tempo que se esvai, em fragilidade.
E no cantar do São Francisco, a melodia
Se eleva, transcendente, em pura magia.
Não é só água que flui, mas a essência
Da existência, em sua plena urgência.
O rio é caminho, memória e futuro,
No seu fluxo, o homem é puro.
Há algo mais, que a vista não alcança,
Uma força divina, uma esperança.
É a transcendência que nos faz refletir,
Que somos parte dele, do seu porvir.
Pelo rio a história se narra,
Do homem que busca, que nunca se agarra
À dor, mas à vida que renasce,
Em cada gota d'água que ressurge que aparece.
O São Francisco nos ensina a fluir,
A cantar mesmo quando há por vir
Momentos de seca, de desilusão,
Pois a vida, como o rio, é pura canção



2.3 O Rio Poesia, Canto e encanto

Em Bom Jesus da Lapa, terra de pedra, luz e fé,
O São Francisco em versos nos conduz.
Ele é o canto, o encanto, a melodia,
A própria poesia que irradia.
Seu canto primeiro, em glória se ergue,
Na nascente, onde a vida emerge.
Água límpida, em festa a correr,
É o presente da vida, um novo viver.
Nas margens verdes, o peixe a saltar,
O caboclo em seu remo a cantar.
Um hino da natureza, um frescor,
É o rio em seu puro e simples amor.
Mas o encanto esconde uma dor
Quando o leito se mostra, sem fulgor.
A seca que chega, sem pedir licença,
Revela a fragilidade, a descrença.
O rio que se retrai, um fio de pranto,
Mostra a ferida do seu desencanto.
É a prece silente do povo a chorar,
Pelo rio que um dia viu secar.
É a luta, labuta, dura lição,
De um rio que pulsa no coração.
E o encanto renasce forte e audaz,
Na esperança que o povo traz.
Na voz que clama por preservação,
Na fé que move a ação.
O rio que volta, em novo fluir,
Traz a certeza de um bom porvir.
É a poesia que brota do chão,
Em cada semente, em cada canção.
O São Francisco, em seu encanto a mostrar,
Que a vida é um rio que segue a passar.
Assim, o rio se faz verso e voz,
Em cada curva que ele refaz.
Um eterno cantar, um dom divino,
O São Francisco, nosso destino.

2.4 O Rio e Eu

Nasce um rio, grande e forte,
Lá nas serras, bem no norte.
É o São Francisco, amigo e forte
Com seu brilho e seu abrigo.
De Minas ele vem ligeiro,
Fazendo um caminho inteiro.
Passa por mil chapadões,
Canta em nossos corações.
Sou caboclo, rio-menino,
Meu futuro, meu destino.
Nossas águas vão se dar,
Pra um só sonho encontrar.
O rio corre, um espelho,
Mostra o céu, mostra um conselho:
Que em cada peixe, em cada flor,
Tem um pedaço do nosso amor.
Pescador de rede fina,
Vê a vida que se inclina.
No balanço das canoas,
Nossas almas ficam boas.
Das cascatas, um sussurro,
De segredos, um murmúrio.
Conta histórias de outro tempo,
De um povo que venceu o vento.
Nossa gente, forte e boa,
Na vazante, na lagoa.
Com o rio, vai sonhando,
Sua história inventando.
No seu abraço, um só sentir,
O que somos o que há de vir.
Rio-caminho, rio - lar,
Pra sempre vamos te amar.

2.5 Canto do Rio Pelo Ribeirinho

De serras altas, onde o norte se levanta,
Um rio nasce, grande, força que nos encanta.
É o Velho Chico, companheiro leal,
Em seu brilho e acolhida, um bem sem igual.
Um caminho que a vida vem guiar.
Por tantos chapadões ele se estende,
E em nosso peito a voz do sonho acende.
Sou filho da corrente, da água a brotar,
Meu rumo, minha essência, em seu vasto mar.
Nossas correntes se unem num só fluir,
Pra um desejo profundo, enfim, cumprir.
O rio corre, espelho da imensidão,
Revela o céu, um conselho à nossa mão
Que em cada peixe, em cada flor que se desvela,
Pulsa um pedaço da alma, na mais pura alma

Pescador de fio fino, o dia a findar,
Vê a vida que nas ondas vem se inclinar.
No gingado suave das canoas, a leveza,
Nossas almas serenas acham sua beleza.
Das cascatas, um segredo a murmurar,
De tempos em tempos, histórias a contar.
De um povo que resiste que o tempo venceu,
Em cada gota, um eco do que aconteceu.
Nossa gente, forte e gentil, na seca, no alagado,
Com o rio, vai sonhando, seu futuro traçado.
Sua existência tecendo, em cada novo amanhã,
No abraço do rio, o que somos, o que virá.
Rio-jornada, nosso rio-abrigo, a nos conduzir,
Para sempre, São Francisco, vamos te sentir.

2.6 A Canção do Caboclo, do Rio e do Peixe

No sertão, onde o sol queima forte,
Vive o caboclo, de alma forte.
Com seu chapéu de palha e sua viola
E seu rio encantado
Canta a vida, a saudade e a viola.
O Rio São Francisco, gigante e sereno,
Cruza a terra, calmo e ameno.
Leva consigo histórias e segredos,
De caboclos, peixes e outros mistérios.
O Surubim Dourado, rei das águas,
Nada livre, sem medo ou fadigas.
Com suas escamas brilhantes e douradas,
Encanta a todos que o contemplam, fascinadas.
Caboclo, rio e peixe, unidos estão,
Nessa terra mágica, onde sonhos nascem.
Com a força da natureza e a fé no coração,
Eles constroem a vida, com amor e união
Caboclo canta, o rio corre,
O peixe pula, a vida floresce.
Na beleza do sertão, a magia acontece
Um lugar de paz, onde o coração se aquece.





03

TERCEIRA CURVA

Lendas e Encantamentos

3.1 Vapor da Luz

Lá vem o vapor, branquinho,
No seu rastro, um cheirinho.
De flores e de canção,
Voando na imensidão.
Não tem apito que faz barulho,
Só um som de doce arrulho.
É o vapor do aconchego,
Que desfaz todo o receio
Ele não leva gente grande,
Nem criança que se expande
No mundo da brincadeira,
Mas leva alma verdadeira.
Almas lindas, bem levinhas,
Que se tornam estrelinhas.
Com um brilho em seu olhar,
Prontas para flutuar.
No vapor da luz que encanta,
A alma, leve, canta.
Viajam sem sentir medo,
Guardando um grande segredo.
Vão pra perto do céu azul,
Onde a paz é um grande sul.
Um lugar de muito amor,
Sem nenhuma dor.
É o vapor do adeus suave,
De quem foi um ser tão chave.
Que nos deixa um clarão,
No fundo do coração.
E quando a gente sente falta,
É só olhar pra bem lá no alto.
Pode ser uma estrelinha,
No vapor da luz que caminha.

Não é só água que flui, mas a essência
Da existência, em sua plena urgência.
O rio é caminho, memória e futuro,
No seu fluxo, o homem é puro.
Há algo mais, que a vista não alcança,
Uma força divina, uma esperança.



3.2. O Vapor Encantado

Lá no rio, que beleza! Um vapor com leveza, não é barco, nem navio, é um sonho, que alegria! Tem chaminé que solta fumaça, mas não é fumaça que desfaça. É vaporzinho, branquinho, que no céu faz um caminho. Ele flutua sem parar, com crianças a sonhar. Cada apito, um segredo, de um mundo sem ter medo. Leva nego d'água e mãe d'água, pelos rios, pelos mendes. Com estrelas a brilhar, E a lua a iluminar. No seu casco, cor de anil, Passa por cada perfil: De cidades e florestas, com mil cores e mil festas. O vaporzinho encantado, de magia recheado, nos convida a viajar, E no sonho se encontrar. Se você fechar o olho, E escutar com carinho e molho, vai ouvir o seu motor, batendo forte, cheio de amor. É o vapor do faz de conta, que a imaginação nos monta. Um presente, um tesouro, mais brilhante que ouro.

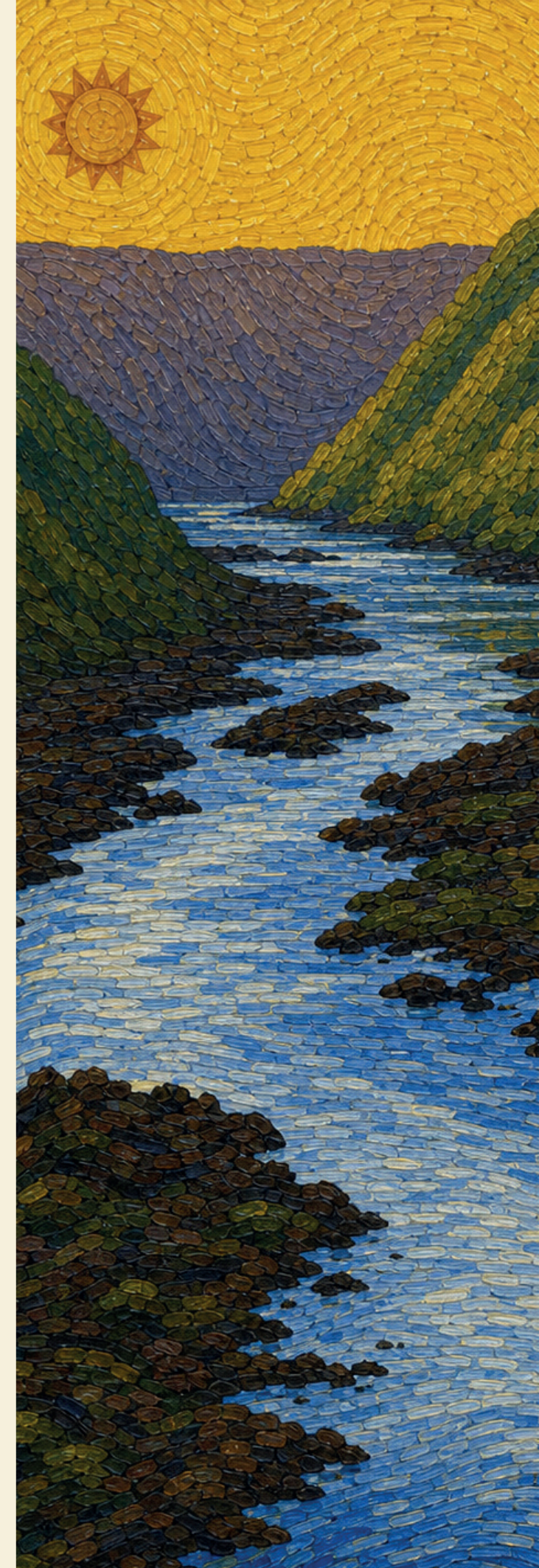
3.3 O Senhor das Águas Barrentas

Nas curvas do rio, onde o tempo se dobra,
Vagueia um ser de líquida sombra,
O Nego D'Água — senhor e assombro
Das profundezas que o São Francisco cobre.
Seus olhos são brasas sob a lua cheia,
Reflexos vermelhos na correnteza,
Cabelos de algas que o rio semeia,
Riso que ecoa na natureza.
Quando a noite veste manto de estrelas,
E as águas murmuram segredos ancestrais,
Ele emerge das sombras, entre conchas e velas,
Tecendo narrativas em fios lunares.
Pescador, cuidado ao lançar teu aparelho,
Ele pode embolar teu fio, tua rede,
Mas não por maldade — é só conselho:
O rio tem alma, e essa alma pede fé.
Guarda memórias de séculos na corrente,
Canções de navegantes, histórias de gente,
Protege os segredos da ilha dormente,

O Nego D'Água — rei do presente.
E quando a manhã rompe dourada e serena,
Ele mergulha no leito de lama e mistério,
Levando nas costas a história amena
Daquele que é o rio, mito e legado — eterno.

3.4 O Nego D'Água do São Francisco

Nas águas barrentas do velho Chico,
Moram segredos que o tempo não explica,
É o Nego D'Água, senhor do abrigo,
Guardando histórias que a corrente articula.
Seus olhos vermelhos como o sol da tarde,
Nas margens da ilha, assombra e provoca,
Rindo nas ondas, traiçoeiro e alarde,
Nego D'Água brinca, some e evoca.
Quem o encontra à beira do rio,
Leva susto, mas leva também,
Um conto antigo, um desafio,
Que atravessa gerações além.
Ele é moreno da cor da corrente,
Cabelos longos de algas e lenda,
Protetor das águas, presente e ausente,
Na Canabrava, sua mensagem se estenda.
Cuidado, pescador, com tua rede lançada,
O Nego D'Água pode puxar,
Levar tua canoa pra outra madrugada,
E nas suas águas, história contar.
Mas não é mau, apenas guardião,
Dessas águas sagradas, desses cantos,
Preservando, no seu domínio,
Os segredos dos ribeirinhos e seus encantos.



3.5 O Senhor das Águas

Nas curvas do rio, onde o tempo se dobra,
Vagueia um ser de líquida sombra,
O Nego D'Água — senhor e assombro
Das profundezas que o São Francisco cobra.
Seus olhos são brasas sob a lua cheia,
Reflexos vermelhos na correnteza,
Cabelos de algas que o rio semeia,
Riso que ecoa na natureza.
Quando a noite veste manto de estrelas,
E as águas murmuram segredos ancestrais,
Ele emerge das sombras, entre conchas e velas,
Tecendo narrativas em fios lunares.
Pescador, cuidado ao lançar teu aparelho,
Ele pode embolar teu fio, tua rede,
Mas não por maldade — é só conselho:
O rio tem alma, e essa alma pede fé.
Ele guarda memórias de séculos na corrente,
Canções de navegantes, histórias da gente,
Protege os segredos da ilha dormente,
O Nego D'Água — rei do presente.
E quando a manhã rompe dourada e serena,
Ele mergulha no leito de lama e mistério,
Levando nas costas a história amena
Daquele que é o rio, mito e legado -
eterno.



3.6 O Cantador da Ilha

Sob o céu estrelado da Canabrava,
Eis que uma voz na brisa se levanta,
É o Gritador — quem ouve, se encanta,
Na dobra do tempo, seu canto se grava.
Ele não tem rosto, não tem idade,
É eco de um povo, memória fluente,
Canta as dores da seca, o amor da gente,
E nas noites da ilha, faz saudade.
Seu violão é feito de vento e lamento,
As cordas — teias de amor e tormento,
Quem escuta seu fado, num momento,
Reencontra no peito seu próprio lamento.
Não procurem seu nome na luz do dia,
Ele grita onde a noite é mais profunda,
É a alma da ilha, em canção fecunda,
O Gritador — pura poesia.

3.7 O Surubim Encantado

Há um surubim nas águas do São Francisco,
Que não é peixe - é devaneio,
Tem escamas de prata, negro manto,
E nos olhos leva um brilho de segredo.
Nas noites de luar, ele navega
Entre as pedras da ilha, sonhador,
E transforma-se em homem, que entrega
Às margens do rio, seu amor.
As moças ribeirinhas já ouviram
Seu canto dolente, sua queixa pura,
E nas águas escuras, elas suspiram
Por aquele que a todas traz ternura.
Mas ao romper da aurora, ele desfaz
Seu corpo de ilusão, seu doce engano,
E volta a ser peixe, a nadar sem paz,
O Surubim — prisioneiro do rio e do humano.

3.8 A Mãe-d'água da Canabrava

Há uma senhora de vestes prateadas,
Que habita as águas claras do baixio,
Cabelos longos de espumas onduladas,
Olhos verdes como o próprio rio.
Ela embala os barcos na correnteza,
E protege os pescadores na faina,
Mas se alguém perturba sua beleza,
A Mãe-D'água mostra sua ira divina.
Às vezes, canta — doce melodia,
Que confunde com o vento no canavial,
É a guardiã da ilha, rainha e guia,
Dona das águas, força celestial.
Quem a vê, nunca mais esquece o encanto,
Dessa deusa das águas, ser de luz,
A Mãe – D'água — sublime e todo pranto —
A alma feminina do São Francisco, cruz.

Das Minas, vem ligeiro, em seu traçar, um caminho que a vida vem guiar. Por tantos chapadões ele se estende, e em nosso peito a voz do sonho acende. Sou filho da corrente, da água a brotar, meu rumo, minha essência, em seu vasto mar. Nossas correntes se unem, num só fluir, pra um desejo profundo, enfim, cumprir. O rio corre, espelho da imensidão, revela o céu, um conselho à nossa mão: Que em cada peixe, em cada flor que se desvela, pulsa um pedaço da alma, na mais pura tela. Pescador de fio fino, o dia a findar, vê a vida que nas ondas vem se inclinar. No gingado suave das canoas, a leveza, nossas almas serenas, acham sua beleza. Das cascatas, um segredo a murmurar, de tempos idos, histórias a contar. De um povo que resiste, que o tempo persiste esse meu cantar.



04

A FOZ

O Encanto
Que Continua

CURVA DA NASCENTE: A NASCENTE E O VERBO

No princípio, era o Rio. Mas antes do Rio, era a Palavra. Não a palavra dita no seco das cidades, mas a Palavra encantada, aquela que nasce com o barro nas unhas e o limo na voz. O Velho Chico não corre apenas sobre pedras; ele corre sobre o tempo. Falar de Encanto é falar de uma suspensão: o momento em que a vida deixa de ser apenas sobrevivência e se torna mistério. Falar da poesia da água é falar da poética da metamorfose. Como ensina o fluir e o abraço da filosofia a água é o órgão do mundo. O ribeirinho da Ilha da Canabrava sabe o que a academia por vezes esquece: que o Rio é um corpo vivo que pensa. O ir e vir das águas é a primeira lição de alteridade. O rio vai para ser outro no mar; o rio vem na cheia para recordar à terra quem é que manda no ciclo. Nossa vida é esse espelho hídrico. Somos feitos de água e de histórias. O Encantado não é o que sumiu, é o que se dissolveu no caldo da existência para se tornar eterno. É o Nego d'Água que habita o hiato entre o que vemos e o que sentimos.

CURVA DO CORDEL: O CORDEL DA EXISTÊNCIA RIBEIRINHA

Peço licença ao destino e à força da correnteza pra falar desse mistério que brota da natureza onde o Rio São Francisco é trono de realeza.

Rio da Vida é mestre no seu eterno passar ensina que pra seguir é preciso se entregar pois quem se prende à margem não aprende a navegar.

Encantado aparece na curva do pensamento é lenda que vira carne no sopro de cada vento é a ética das águas regendo todo momento.

O ir e vir desse curso é como o nosso destino a gente nasce pequena num pingo de cristalino e vai virando caudal nesse trajeto divino.

Entre lendas e as águas o eu do canto sou o portal que separa o mundo vil desse reino espiritual onde a palavra é o remo e o amor é o sal.

CURVA DO FLUXO: A ANALOGIA DO FLUXO – O IR E VIR

O que é a vida senão um regime de marés internas? Há dias em que somos Rio em Vazante: Aparecem nossas pedras, nossas fendas, as raízes expostas de uma ancestralidade que dói e sustenta. É no vazio da seca que se vê a estrutura do leito lá, no fundo arenoso de quem eu sou, garantindo que, mesmo baixa, a água não pare de correr. Há dias em que somos Rio em Cheia: O afeto transborda as várzeas do peito, inunda o campo do outro, fertiliza a Ilha. O ir e vir não é repetição, é renovação de contrato com o chão. O Rio não volta pelo mesmo caminho, Ele inventa novos braços, novos furos, novos lanhos na terra. A lida do ribeirinho é a filosofia da Paciência das Águas. Não se empurra o Rio; ele chega quando o tempo amadurece. O Encanto é o ponto de saturação da realidade. Quando a vida fica pesada demais, a gente encanta. Mergulha no simbólico para não morrer no real. O São Francisco é essa metáfora de ferro e líquido: Forte para carregar barcaças, sutil para carregar promessas.

CURVA DA FOZ: O DESÁGUE NO ENCANTO FINAL

Terminar esse texto não é fechar uma porta, É abrir uma comporta. A Palavra (En) cantada agora é de quem ler, é de quem sentir o cheiro da lama e o gosto do peixe, É de quem entender que o Velho Chico é o pai da identidade. Ribeirinho é quem tem o Rio do lado de fora E a Vida - Rio do lado de dentro. Neste entre - lugar de lendas e águas, agradeço ao movimento. Ao ir que ensina o desapego, ao vir que ensina a esperança. A poética da água é a única que não aceita pontos finais, apenas vírgulas de espuma e reticências de horizonte. Sou água que fala. Sou o (en)canto que fica. Sou a Ilha que resiste. E, como o Rio, sigo andando, porque não há caminho pronto, O caminho se faz... remando. e aqui ficamos com a palavra encantada às margens das águas do rio que flutua versos encantados

Posfácio

O RIO QUE NUNCA CESSA DE CANTAR

Chegamos à margem final dessa jornada acadêmica, mas não ao fim do rio. Nessas páginas, o São Francisco revelou-se muito mais que geografia — é veia aberta de histórias, espelho de almas, caderno molhado de existências. Se esta obra demonstrou algo, foi que o verdadeiro encanto do Velho Chico habita três dimensões indissociáveis:

- 1- Nas lendas que povoam as águas barrentas, onde o Nego D'Água vigia segredos milenares.
- 2- Nos cantos que ecoam das vozes ribeirinhas, tecendo memória em versos.
- 3- Na fé que transforma o rio em caminho sagrado, especialmente lá em Bom Jesus da Lapa.

Percebemos que o rio, como a vida, conhece ciclos: o canto primordial das águas virgens, o desencanto das margens assoreadas, e o reencanto que brota da resistência cultural. Essa tríade espelha a própria condição humana - frágil, mas resiliente. Que este e-book possa servir como as canoas que singram o rio: veículo de travessia entre gerações, instrumento

de preservação da memória oral, ferramenta de encantamento para os que ainda precisam aprender a ouvir o rio.

Encerramos com a certeza de que o São Francisco permanecerá cantando muito depois de nossas vozes se calarem. Porque o rio é, em essência:

- Poesia em movimento
- Encanto em estado líquido
- Canto perene da terra

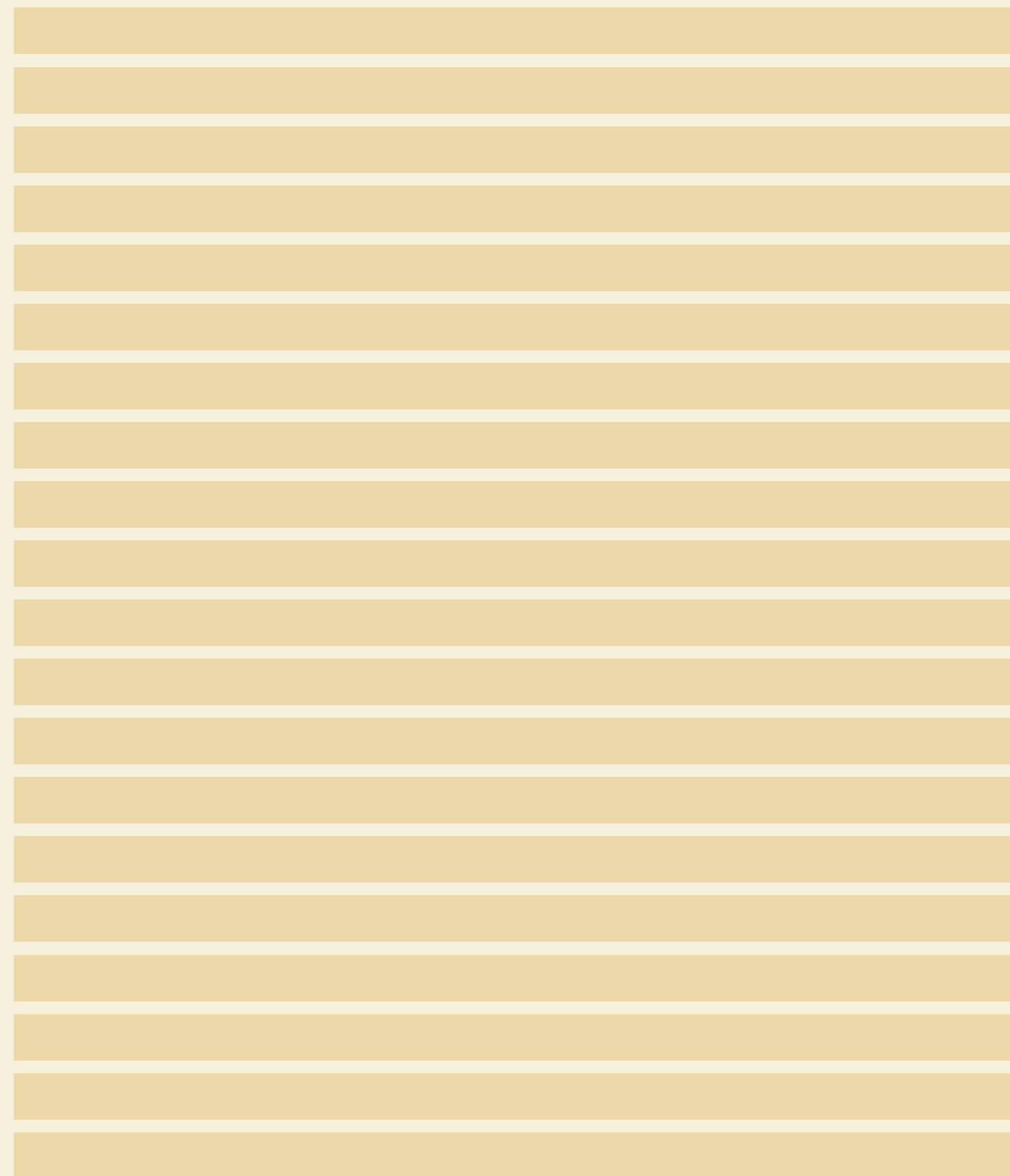
Que estas palavras sirvam não como ponto final, mas como convite à continuação - para que novos pesquisadores – poetas, cantores e guardiões de lendas mantenham viva a palavra encantada que flui eternamente nas margens do tempo.

Sigamos encantados pelas águas do verbo, pelo rio da memória, pela correnteza dos sonhos que nunca secam

Atividade pedagógica

Caderno de Encantos:

Após a leitura, convidamos o leitor a escrever sua própria lenda das águas.



GLOSSÁRIO POR CATEGORIA

Geografia e Lugares:

Bom Jesus da Lapa (BA):

Município do sertão baiano, situado às margens direita do Rio São Francisco. É um importante centro religioso (Santuário do Bom Jesus) e econômico regional, conhecido como a Capital Baiana da Fé.

Rio São Francisco (Velho Chico):

Um dos principais rios do Brasil, personificado nas narrativas locais como uma entidade viva. É fonte de subsistência, identidade e simbologia para as comunidades ribeirinhas do médio São Francisco.

Caetité (BA):

Cidade baiana sede do Campus VI da UNEB (Universidade do Estado da Bahia) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS), ao qual a dissertação está vinculada.

Ilha da Canabrava:

Ilha fluvial localizada no município de Bom Jesus da Lapa, com aproximadamente 266 hectares, constituída a quarta maior ilha do médio São Francisco. É um microcosmo da vida ribeirinha, marcado por transformações ambientais e pela transição da agricultura para a pecuária.

Médio São Francisco:

Trecho do Rio São Francisco onde se localiza a área de estudo (Bom Jesus da Lapa). Refere-se à porção intermediária do rio, com características sócias ecológicas específicas.

Cultura e Mitos Ribeirinhos:

Nego d'água / Compadre D'água / Caboclo D'água

Figura mítica central nas narrativas ribeirinhas do São Francisco. Ser anfíbio de pele escamosa que habita o fundo do rio, conhecido por pregar peças nos pescadores (partindo anzóis, furando redes) e exigir oferendas (como fumo) como forma de respeito. Tem grande força mítica com domínio das águas do São Francisco.

Mãe d'água:

Entidade feminina protetora das águas, associada a marés altas repentinas. Nas lendas, aparece carregando suas filhas (seres encantados anfíbios) como forma de mostrar presença e exigir reverência.

Referências contextuais importantes

Câmara Cascudo (Luís da Câmara Cascudo, 1898–1986):

Maior folclorista e etnógrafo brasileiro. Sua obra é referência fundamental para o estudo das lendas, mitos e cultura popular brasileira, incluindo a lenda do Nego d'água citada na dissertação.

Encanto das águas / Águas encantadas / Encantado:

Expressão-chave que sintetiza a crença ribeirinha de que o rio é habitado por forças e seres sobrenaturais. Não se refere a assombração, mas a uma presença mística e mítica inerente ao ambiente fluvial.

Barranqueiro:

Auto identificação do ribeirinho, aquele que vive na barranca (margem) do rio. Expressa uma identidade territorial e cultural profundamente ligada ao espaço fluvial.

Gaston Bachelard (1884–1962):

Filósofo francês da ciência e da poética. Sua obra *A Poética do Espaço* é referência para a análise da imaginação material, especialmente a poética da água usada para interpretar o rio como elemento simbólico e transformador.

Eni Orlandi (1942–):

Linguista brasileira, referência fundadora da Análise de Discurso no Brasil (linha francesa). Seus conceitos de discurso, sujeito descentrado, memória discursiva, condições de produção e gestos de interpretação foram essenciais para a pesquisa. Na dissertação, as lendas do Velho Chico são tratadas como discursos que constituem sujeitos e sentidos, articulando língua, história e identidade. A noção de que não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem identidade, permite compreender como o ribeirinho se identifica e se (re)inventa ao narrar os encantos do rio.

Gaston Bachelard (1884–1962):

Filósofo francês da ciência e da poética. Sua obra *A Poética do Espaço* é referência para a análise da imaginação material, especialmente a poética da água usada para interpretar o rio como elemento simbólico e transformador.

Stuart Hall (1932–2014):

Teórico cultural jamaicano-britânico, figura central dos Estudos Culturais. Seu conceito de identidade cultural como construção discursiva e não como essência fixa é crucial para a dissertação. A ideia de que as identidades são pontos de apego temporário dentro de práticas discursivas permite analisar a identidade ribeirinha como fluida, negociada e constantemente reconstruída através das narrativas orais

Sigmund Freud (1856–1939):

Fundador da Psicanálise. Seus conceitos fundamentam parte da análise, especialmente: o inconsciente como instância psíquica determinante; a interpretação dos símbolos presentes nas lendas como expressões de desejos e conflitos reprimidos; e a pulsão como força motriz que move o sujeito. Na dissertação, a mitologia ribeirinha é lida como uma manifestação do inconsciente coletivo.

Jacques Lacan (1901–1981):

Psicanalista francês que reinterpretou Freud a partir da linguística. Seus conceitos são estruturantes para a pesquisa: a tese do inconsciente estruturado como linguagem; a tríade Real, Simbólico e Imaginário como registros da experiência; e o significante como elemento chave para entender como as lendas funcionam na constituição da subjetividade ribeirinha.



Cynara Sento-Sé

Sou água que fala, ribeirinha por destino, sou Cynara Sento-Sé, psicóloga, psicopedagoga e filha do Velho Chico, nascida em Bom Jesus da Lapa. Mestre pelo PPGELS/UNEB, desenvolveu Palavras Encantadas como produto técnico-educacional de sua pesquisa, entrelaçando memória oral, poesia, lendas e identidade cultural. Professora efetiva da UNEB – Campus XVII, dedica-se à interface entre psicologia, educação e cultura popular do São Francisco.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4389997303531909>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9149-5388>

Email: caalves@uneb.br



Prof.ª Dr.ª Sidnay Fernandes dos Santos

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos(2014) e Mestre em Linguística pela mesma instituição (2010), Especialista em Literatura Brasileira pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (1997) e Licenciada em Letras pela Universidade do Estado da Bahia (1994).Trabalhou como professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e Médio no Instituto de Educação Anísio Teixeira, durante quatorze anos. É Professora de Linguística e Língua Portuguesa na Graduação em Letras e no Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade (PPGELS) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Atuou como coordenadora do Núcleo de Pesquisa e Extensão do Departamento de Ciências Humanas/Campus VI (UNEB) por dois anos (2018-2020). É uma das editoras da Revista Cenas Educacionais. Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos do Discurso (LAEDis/UNEB), vice-líder do Grupo de Pesquisa Ensino, Discurso e Sociedade (DisSE/UNEB) e pesquisadora do grupo de pesquisa Laboratório de Estudos Epistemológicos e Discursividades Multimodais (LEEDIM/UFSCar). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Análise do Discurso, Análise do Discurso Digital e Linguística Popular. Interessa-se por pesquisas que articulem teorias do discurso às ciências sociais, com destaque para os estudos de gênero e dos feminismos

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2216543407273699>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2826-588X>

Email: sfsantos@uneb.br



UNEB

UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



PPGELS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE